

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

ANTROPOSSEMIOSE E O DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS: BREVES REFLEXÕES PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Mona Cleide Quirino da Silva Farias - Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Carlos Cândido de Almeida - Universidade Estadual Paulista (Unesp)

ANTHROPOSSEMIOSIS AND THE DEVELOPMENT OF LANGUAGES: BRIEF REFLECTIONS FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION

Modalidade da Apresentação: Pôster

Resumo: Apresenta a perspectiva da antropossemiose e a noção de linguagens à organização do conhecimento. O tema está relacionado com a pesquisa de doutorado cujo objeto permeia os fundamentos da Organização do Conhecimento e sua vinculação com a Semiótica da Cultura. Objetiva apontar sobre a noção de uma antropossemiose como um nível mais alto de semiose e o reconhecimento de linguagens para traçar reflexões na Organização do Conhecimento. A noção da antropossemiose pressupõe uma reflexão mais ampla que permita considerar, nos processos sógnicos, o desenvolvimento de linguagens que não necessariamente tenha como ponto de partida a língua enquanto signo linguístico. Para este trabalho, pauta-se em uma abordagem expositiva, cujo propósito é comentar brevemente sobre o tema possibilitando o desenvolvimento de análises mais elaboradas no desdobramento deste conteúdo, direcionando-o para o campo da Organização do Conhecimento. Utilizamos uma bibliografia que nos auxilia na exposição e análise do tema em destaque. Contudo, pretende discorrer sobre os processos sógnicos nos quais os seres humanos se envolvem e enfatizar que as linguagens em suas várias potencialidades estão inseridas nesse contexto de produção e evolução dos signos. Esperamos ampliar as reflexões que agregam a relação entre a semiose humana e processos de organização e representação do conhecimento.

Palavras-Chave: Antropossemiose; Linguagens; Organização do Conhecimento; Semiótica da Cultura; Semiose.

Abstract: The study presents the perspective of anthroposmiosis and the notion of languages to knowledge organization. This theme is related to the doctoral research whose object permeates the foundations of Knowledge Organization and its connection with the Semiotics of Culture. The aim of this study is to point out the notion of an anthroposmiosis as a higher level of semiosis, and the recognition of language to draw reflections in Knowledge Organization. The notion of anthroposmiosis presupposes a broader reflection that allows us to consider, in the sign processes, the development of languages that do not necessarily have the language as a starting point in its linguistic linkage. For this paper we focus on an expository approach, whose purpose is to briefly comment on the theme to be

able to develop more elaborated analyzes in the unfolding of this content, directing it to the field of Knowledge Organization. We use a bibliography that helps us in the exposition and analysis of the featured theme. However, we intend to discuss the signic processes in which human beings are involved and to highlight that the languages in their various potentialities are inserted in this context of the production and evolution of the signs. We expect to expand the reflections that add to the relation between human semiosis and processes of knowledge organization and representation.

Keywords: Anthropossemiosis; Languages; Knowledge Organization; Semiosis; Semiotics of Culture.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano em sua relação com a natureza é produtor de signos¹; pois ele mesmo é composto por processos sígnicos, desde sua constituição genética até sua formação sociocultural, ou seja, é em si um signo ao passo que também é um objeto – em caráter dinâmico – e ao mesmo tempo, interpretante dos demais objetos com que se confronta. Sendo objeto e signo de si mesmo, encontra-se num processo de produção de interpretantes, na medida em que se depara com a necessidade de lidar tanto com objetos dinâmicos e imediatos, como com as potencialidades de objetos envolvidos no universo no qual está inserido.

A antropossemiose se caracteriza por processos sígnicos que envolvem o ser humano e o ambiente em que está imerso (DEELY, 1990, p. 47). Já as linguagens são mecanismos necessários para a constituição do diálogo e da comunicação entre seres humanos e o universo do qual fazem parte. É por via desta perspectiva de linguagem que a consideramos como signos de mediações, tanto para as relações estabelecidas entre seres humanos-natureza – e seu contexto sociocultural –, como para a elaboração, organização e compartilhamento de conhecimentos, embora entendamos que, no aspecto da comunicação humana, a língua também é necessária.

No crivo das discussões da Semiótica da Cultura, a(s) linguagem(ns) consistem em produções coletivas que representam e também criam textos na/para a cultura. Em Lotman (1999, p. 101), as linguagens podem ser compreendidas como “[...] texto dentro do texto [...]”. Nesse aspecto, “o texto não é a realidade, mas o material para a reconstituir” (LOTMAN, 1981, p. 43). Para Bakhtin (2006), a linguagem é definida como uma entidade, um signo ideológico-social, o qual compartilha um processo de interação social e acaba por refratar determinadas realidades. A linguagem é um instrumento cultural com a característica de potencializar o

1 Peirce (1990, p. 4), diz que o signo é qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante).

conhecimento produzido pelos indivíduos e interfere na visão de mundo dos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 1974, p. 62).

Sobre os estudos da linguagem na área da Ciência da Informação, mais precisamente no campo da Organização do Conhecimento, “corresponde à égide do estatuto epistemológico que subjaz tal campo de estudo” (GUEDES; MOURA, 2016). Linguagem, no contexto da Organização do Conhecimento², é o instrumento de representação do conhecimento, consistindo no elemento que viabiliza e torna possível a organização de conhecimentos. Nesse sentido, estamos nos referindo às linguagens documentais³, as quais possuem fins organizacionais.

Este trabalho está relacionado com o tema de investigação da tese, ainda em desenvolvimento, cujo objeto investigativo permeia tanto as bases da Semiótica da Cultura – campo de investigação e análise da linguagem na cultura –, como estabelece relação epistemológica com a Organização do Conhecimento, mais precisamente com as perspectivas de estudos de cunho sociocultural como enfatizada em Beghtol, (2001; 2002 e 2005); Hudon (1997; 1999 e 2003) e García Gutiérrez, (2002a e 2002b) etc., além do estudo anterior finalizado (FARIAS, 2014).

Vale dizer que este trabalho visa complementar a proposta de pesquisa, cujo objetivo é sintetizar as bases da Semiótica da Cultura para análises socioculturais da Organização do Conhecimento. Com isso, busca-se responder algumas questões como, por exemplo, se a Semiótica da Cultura poderá colaborar no aspecto teórico de processos de organização e representação do conhecimento para as perspectivas socioculturais da Organização do Conhecimento. Neste conteúdo entendemos que se a Semiótica – como base teórica central de investigação da tese em andamento – se apresentasse mais aberta na análise e estudos da

2 O termo Organização do Conhecimento, é aqui compreendido como um campo cujas investigações estão inclinadas a atividades de organização e representação do conhecimento, inseridas na área da Ciência da Informação.

3 As linguagens documentais consistem na expressão de uma determinada informação, no intuito de tornar possível a mediação entre o documento e os indivíduos (LARA, 1999). Linguagem documental ou também denominada de Langage Documentaire “[...] é uma linguagem artificial uma metalinguagem, constituída de conceitos em relação entre estes conceitos” (CACALY, S. 1997, p. 370). Há tipos de linguagens documentais, são elas as linguagens de estrutura hierárquica, por exemplo, os sistemas de classificação e as linguagens de estrutura combinatória, isto é alfabética. Um exemplo são os tesouros e listas de cabeçalhos de assuntos. Vale destacar que o uso dos termos “linguagens documentárias” e “linguagens documentais” são utilizadas como sinônimos no texto. A primeira é a expressão consagrada no Brasil, salvo exceções. Apesar do termo “linguagem documentária” mencionado predominar na literatura da área da Ciência da Informação, consideramos a expressão “linguagens documentais” em destaque das abordagens de Gardin(1966).

linguagem, seria necessário tratar dentro dos estudos da linguagem a questão da semiose humana.

Busca-se apresentar a noção de antropossemiose na tentativa de discorrer em meio a esse nível de semiose, sobre o aspecto das linguagens como sistema de signos que permitem ampliar o desenvolvimento das semioses humanas, não se restringindo ao âmbito das semioses linguísticas. A antropossemiose poderia, nesse sentido, ser analisada como uma possibilidade de entender como os seres humanos, em suas relações com o meio social e cultural podem elaborar significados e traçar interpretações a partir dos signos produzidos na esfera bio-sócio-cultural.

A abordagem é expositiva e seu propósito é comentar brevemente sobre o tema e posteriormente desenvolver análises mais elaboradas no desdobramento deste conteúdo direcionando-o para o campo da Organização do Conhecimento. Utilizamos de uma bibliografia que nos auxilia na exposição e análise do tema em destaque. Assim, alguns termos não são tão explorados neste trabalho, pois serão detalhados na pesquisa de doutorado.

2 ANTROPOSSEMIOSE E LINGUAGENS

A semiose, ação dos signos, é entendida como “o processo pelo qual algo funciona como signo podendo ser chamado de semiose” (MORRIS, 1976, p. 13). Para a Semiótica da Cultura, a semiose representa os processos de veiculação dos signos e ainda, pode-se dizer, que é a própria evolução dos signos. No âmbito dos sistemas da cultura, a semiose representa e implica processos complexos, pois na medida em que se processam os significados, estes podem ser alterados em decorrência da dinâmica da cultura e das relações estabelecidas pelos sujeitos em determinados contextos culturais.

No eixo dessas definições, da ação dos signos como processos auto-organizáveis em constantes transformações, a noção de uma antropossemiose surge como um nível mais alto de semiose (DEELY, 1990). O autor ainda menciona que, ao lado de uma antropossemiose, está a zoosemiose, a fisiossemiose e a fitossemiose. Contudo, Deely (1990) apresenta uma divisão da semiótica em quatro níveis: a que caracteriza a semiose cognitiva, que seriam a antropossemiose e zoossemiose, e os níveis “inferiores” de semiose, aqueles não dependentes da cognição (fitossemiose e fisiossemiose).

O esquema apresentado por Deely (1990) visa compreender o objeto da semiótica de uma forma mais descentralizada, considerando as particularidades e potencialidades de cada

um e, ao mesmo tempo, enfatizando os níveis de aproximação entre eles, destacando ainda as possibilidades de investigação do objeto da semiótica, a semiose.

Para Deely, a antropossemiose engloba os processos sígnicos nos quais os seres humanos se relacionam. Há ainda uma segunda perspectiva da antropossemiose que é delineada pela língua como elemento primário (DEELY, 1990, p. 47). No entanto, como apresentada, a antropossemiose inclui todos os processos sígnicos e por isso não caberia considerar apenas a língua como elemento determinante para leitura e interpretação dos signos constituídos nesta esfera da semiose humana.

Seguindo este raciocínio, embora a língua seja um sistema primário, do ponto de vista de uma semiose linguística, esta, na visão de Deely (1990), é caracterizada como um sistema modelador secundário e não um sistema primário. Nesse sentido, a língua estaria mais para um sistema com potencial de descrição “[...] muito embora, relativamente ao desenvolvimento da civilização e das tradições culturais distintamente humanas, a língua seja o medium capacitador próximo e a rede sustentadora da semiose” (DEELY, 1990, p. 47).

O ser humano é um ser dialético e onde houver signos haverá representação e interpretação, isto é, a(s) semiose(s). Vale destacar que, para o aspecto da antropossemiose, embora esta implique na subjetividade do indivíduo para a produção de signos, a mesma não acontece individualmente, pois entendemos que é pela dialética que a antropossemiose se faz, isto é, pela relação entre os seres humanos e todos os processos sígnicos que envolvem o bio, o sócio e o cultural. Em síntese, a subjetividade se constitui por meio de processos antropossemióticos em que os indivíduos podem se reconhecer como sujeitos e como parte daqueles espaços, além de identificar seus semelhantes.

A ação dos signos no contexto da antropossemiose propicia a identificação dos seres humanos no ambiente em que faz parte. À noção de identificação, não consideramos apenas o ato de reconhecer como tal, mas de identificar suas necessidades de sobrevivência, desde o simples fato de entender do que pode se alimentar, quem são seus predadores, identificação dos grupos, espécies comuns etc. Esse exercício de identificação das necessidades implica na formulação de informações. Sobre isso, podemos retomar a noção de uma “competência semiótica” que corresponde “[...] capacidade de compreender os sistemas semióticos como produtos da culturalização, isto é, como resultado da transformação da informação em linguagem e, conseqüentemente, em sistema da cultura” (MACHADO, 2003, p. 142).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

No nível da antropossemiose os seres humanos enfrentam etapas de adaptações, processos modelizantes ocorridos pelos signos culturais. Tal fato pressupõe a elaboração de linguagens, que implicam na maneira de comer, de se portar diante de uma situação, no uso de determinadas vestimentas, entre outros. Tudo isso representa atividades semióticas de organização. Por isso, no escopo da discussão que envolve a antropossemiose, é viável compreender não somente as dimensões que envolvem as necessidades orgânicas dos sujeitos, mas também as dimensões culturais e sociais que auxiliam na organização de informações via linguagens.

Contudo, os seres humanos na sua relação com a natureza, traçam análises interpretativas. Com isso, recuperamos a noção de interpretação das culturas de Geertz (2008), que dá ênfase não só ao ato interpretativo, mas à reflexão que desencadeia sobre possibilidades de interpretações entre culturas distintas. Nos meandros dessa perspectiva interpretativa entende-se que as culturas são resultado de processos semióticos, de elaboração de significados que implicam relações individuais e coletivas.

Ao refletir sobre o processo da antropossemiose, vê-se que a semiose em si não se reduz a um processo fisiológico, mas acontece no ser humano, condicionado, em um determinado tempo e espaço histórico e cultural. Logo, o ato de conhecer e compreender o mundo em sua dinâmica significa processar o mundo numa lógica do contínuo. Ainda no escopo da semiose humana, verifica-se uma questão que é entender como um sujeito, enquanto signo do meio em que se encontra, compreende, decodifica e representa os processos sógnicos e em que nível tais signos são alterados para que façam sentido no espaço e tempo em questão. Nota-se então um problema que caminha para um nível de tradução.

Jakobson (1970, p. 64-65) descreveu três modelos de tradução: 1- traduções de signos em outros signos de uma mesma língua, a qual se refere como “tradução intralinguística ou paráfrase”; 2- traduções entre línguas diferentes, que ele chamou de “tradução interlinguística ou tradução no sentido estrito da palavra”; e 3- consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais, que é o mesmo que a “tradução intersemiótica ou transmutação”.

Para a Semiótica da Cultura, a tradução segue uma perspectiva da “tradução da tradição” (MACHADO, 2003, p. 30) que se caracteriza em exercícios interpretativos com intuito de compreender a significação dos fenômenos culturais, como quando analisamos, por exemplo, um texto literário, uma música, uma obra de arte (FARIAS, 2014). No âmbito da

atividade e/ou exercício da tradução, a linguagem é um signo de comunicação e organização do conhecimento humano. Estas podem favorecer as relações humanas. No entanto, as relações são estabelecidas por uma organização social, com base nas necessidades humanas da relação uns com os outros e, nesse contexto, a linguagem acaba por anteceder a ação comunicativa (CALEFATO, 2009, p. 71-72).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção da antropossemiose, no âmbito do desdobramento do objeto da semiótica, nos permite refletir sobre as possibilidades de investigação dos signos processados por seres humanos, ou seja, os signos desenvolvidos e organizados a partir de uma lógica sociocultural. A antropossemiose nos propõe traçar análises de autoavaliação, considerando que esta implica na identificação, organização do conhecimento humano em três esferas sócio-culturais, o bio, o sócio e o cultural.

Analisar as antropossemioses é um exercício de tradução e interpretação que nos faz reavaliar o modo como pensamos, elaboramos e tratamos linguagens para representação de conhecimentos, tendo em vista que o tratamento de linguagens é parte de uma atividade exercida por profissionais no âmbito da Organização do Conhecimento, e que as linguagens documentais – como instrumentos de representação – podem ser tratadas de forma conjunta, por profissionais da informação, com diversas perspectivas de estudos, como é o caso da Semiótica e seu olhar para com as linguagens.

Nesse interim, destacamos que toda atividade semiótica implica processos autoorganizáveis, e a antropossemiose, enquanto um nível mais alto da semiose, poderia ser compreendida com este fim. Com este trabalho, mais precisamente em seu desdobramento na pesquisa de doutorado, esperamos ampliar as reflexões que agregam à relação entre a semiose humana e os processos de organização e representação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (V.N.Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEGHTOL, C. Relationships in Classificatory structure and meaning. In C.A. Bean & R. Green, (eds.). **Relationships in the organization knowledge**. Dordrecht, Netherlands: Kluwer, 2001, p. 99-113.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

BEGHTOL, C. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21 century: integration of knowledge across boundaries**. Würzburg: ERGON-Verlag. 2002. p. 45-49. (Advances in Knowledge Organization, 8).

BEGHTOL, C. Ethical decision-making for knowledge representation and organization systems for global use. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 56, n. 9, p. 903-912, 2005.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1974.

CALEFATO, P. Language in social reproduction: sociolinguistics and sociosemiotics. **Sign Systems Studies**. v. 37, n. 1/2. 2009.

CACALY, S. (Ed.). **Dictionnaire encyclopédique de l' information et de la documentation**. Paris: Nathan, 1997.

DEELY, John. **Semiótica Básica**. São Paulo: Ática, 1990.

FARIAS, M. C. Q. da S. **A semiótica da cultura nas abordagens socioculturais da organização do conhecimento: uma análise teórico-conceitual**. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

GARDIN, J.-C. Eléments d'un modèle pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, v.11, n.5, p.171-182, 1966 Disponível em <bbf.enssib.fr/consulter/bbf-05-0171-001>

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge Organization from a "Culture of the Border": towards a transcultural ethics of mediation. In: López Huertas, M.J. (Ed.). **Proceedings of the Seventh International Isko Conference: advances in knowledge organization**. Würzburg: Ergon Verlag, 2002a. v.8, p.516-522.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **Exomemoria y cultura de frontera: hacia una ética transcultural de la mediación**. VII Congreso Internacional sobre Organización del Conocimiento celebrado em Granada (España), 2002b.

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUEDES, R. de M.; MOURA, M.A. O princípio da garantia semântica e os estudos da linguagem. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.9, n.2, set/dez. 2016. Disponível

em: <<http://basesibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000021966/e40017575924d6bed6aa62a8a3e5720c>>

HUDON, M. Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. **Knowledge Organization**. v. 24, n.2, p.84-91. 1997.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

HUDON, M. Accessing documents and information in a world without frontiers. **The Indexer**, London, v. 21, n. 4, p. 156-159, 1999.

HUDON, M. True and tested products: thesauri on the web. **The Indexer**, London, v. 23, n. 3, p. 115-119, 2003.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.

LARA, M.L.G. de. **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico-metodológicas. São Paulo, 1999. 208f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação)-Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LÓTMAN, Iúri M. et. al. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

LOTMAN, Y. M. **Cultura y explosión**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. España: Gedisa editorial, 1999.

MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê editorial; Fapesp, 2003.

MORRIS, C. W. **Fundamentos da teoria do signo**. Rio de Janeiro : Eldorado ; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.